
CPAD
4
Isaías a Daniel
Comentário Bíblico
BEACON
Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

ISAÍAS A DANIEL

4

CPAD

O Livro de

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

C. Paul Gray

Introdução

A. Pano de Fundo Histórico

A catástrofe terrível que ocorreu com o país de Judá e a cidade de Jerusalém em 587-586 a.C. constitui a cortina de fundo desse pequeno livro. O exército babilônico de Nabucodonosor tinha sitiado Jerusalém por dezoito longos meses. Quando a cidade afetada pela fome e doença foi finalmente tomada, ela foi totalmente demolida e incendiada. Foi uma ocasião trágica e muito sofrida para o povo judeu. A segurança de Jerusalém era vista como uma doutrina preciosa pelos habitantes da cidade desde os tempos de Isaías (701 a.C.). Agora, os que estavam vivos para ver a cidade em ruínas e o Templo completamente destruído tinham dificuldades em acreditar naquilo que viam. A aflição deles era quase insuportável. Nos meses e anos que se seguiram, suas mentes foram importunadas com muitas perguntas não respondidas acerca da sua história passada e do seu destino futuro.

Esses cinco poemas são resultado da dor atormentadora daqueles dias atribulados que seguiram a destruição da cidade, a captura do rei Zedequias e a deportação do povo para a Babilônia. "A torrente de emoções" que pode ser detectada nesse livro revela a profundidade do desânimo que havia tomado conta do povo. Esses poemas são uma expressão de toda aflição e sofrimento que estavam acumulados em seus corações. Esses sentimentos são agora derramados por meio da descrição da sua situação miserável, misturados com a confissão de pecados e acompanhados de um clamor angustiante de penitência. Sua aflição era realmente profunda demais para ser colocada em palavras, mas uma compulsão interior os impeliu a expressar sua tristeza de alguma forma. Como ocorre em todas as épocas, a poesia e o cântico eram a forma mais natural de dar vazão às suas emoções.

B. Título e Lugar no Cânon

No texto hebraico o livro não recebe título, mas semelhantemente aos livros do Pentateuco, ele era conhecido pela sua primeira palavra: "Como!", *'eykah* (também a primeira palavra dos capítulos 2 e 4). No entanto, de alguma forma, no decorrer dos séculos os rabinos começaram a referir-se a esse livro como "lamentações" ou "hinos fúnebres" (*qinot*), e ele aparece com esse nome no Talmude babilônico. Os tradutores da Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, seguiram os rabinos ao usar o termo grego para lamentações, *Threnoi*. Eles foram um passo adiante e atribuíram o livro a Jeremias. Conseqüentemente, as versões gregas posteriores, a siríaca, a antiga versão latina, a Vulgata de Jerônimo e as versões em inglês e português têm colocado o seguinte título: "As Lamentações de Jeremias".

Na Bíblia Hebraica atual o livro de Lamentações não faz parte dos Livros Proféticos, mas, sim, dos Escritos (*Hagiógrafos*). Ele é um dos Cinco Rolos (*Megilloth*) daquela seção (o terceiro) das Escrituras Hebraicas. Por meio da Septuaginta e dos escritos de Josefo fica evidente que a posição desse livro nem sempre foi essa. A Septuaginta coerentemen-

te colocou Lamentações junto com a profecia de Jeremias. Em um comentário acerca do número e natureza das Sagradas Escrituras,[1] Josefo faz o mesmo. Ao se referir aos livros do Antigo Testamento, Josefo afirma que são vinte e dois, e os divide em três grupos. Embora não mencione Lamentações pelo nome, para chegar ao número vinte e dois, ele precisava juntar Lamentações com Jeremias e Rute com o livro de Juízes. Ele evidentemente seguiu a Septuaginta ao posicionar Lamentações entre os Livros Proféticos e não entre os Escritos.

Melito, bispo de Sardes (180 d.C.), semelhantemente chegou aos mesmos vinte e dois livros, no que foi seguido por Orígenes (250 d.C.), Agostinho (420 d.C.) e Jerônimo (405 d.C.). Isso significa que todos esses homens acreditavam que o livro de Lamentações pertencia aos Livros Proféticos e não aos *hagiógrafos*. Jerônimo, no entanto, menciona que "alguns incluíam Rute e Lamentações nos *hagiógrafos* e, dessa forma, acreditavam existir vinte e quatro livros no Antigo Testamento".[2] Esses estudiosos podiam estar se referindo a 2 Esdras e ao Talmude. Dessa forma eles acreditavam existir vinte e quatro livros e colocavam Lamentações entre os Escritos. Podemos concluir que durante o período intertestamental e nos primeiros séculos da Igreja Cristã não existia uma posição oficial e unânime em relação aos livros das Escrituras. O livro de Lamentações em um catálogo era encontrado nos Escritos e em outro nos Livros Proféticos. As nossas Bíblias seguem a ordem da Septuaginta e relacionam o livro de Lamentações com Jeremias.

C. Autoria e Data

O texto hebraico não menciona ninguém especificamente como autor do livro de Lamentações. Mas uma longa tradição coloca Jeremias como autor desse livro. Não se pode negar que o livro é escrito no espírito de Jeremias e apresenta muitas similaridades com suas profecias. A Septuaginta, no entanto, é a fonte mais antiga que atribui esses poemas a Jeremias. Embora 2 Crônicas 35.25 tenha sido citado, com freqüência, como referência bíblica para a autoria de Jeremias do livro de Lamentações, essa passagem meramente menciona que Jeremias escreveu um lamento acerca da morte do rei Josias que ficou conhecido pelos cantores do Templo em uma época posterior. Ele conecta Jeremias com esse tipo de literatura, mas isso apenas confirma o que já sabemos acerca do próprio livro do profeta. Não é possível saber se esse versículo se refere ao livro de Lamentações, porque o repertório coral do Templo devia conter muitos hinos de lamentação.

A Septuaginta é bastante explícita em sua posição quanto à autoria do livro. Essa versão grega do livro apresenta uma nota introdutória (evidentemente baseada em um original hebraico) que claramente atribui o livro a Jeremias. Essa nota diz o seguinte: "Depois que Israel foi levado cativo e Jerusalém foi destruída, Jeremias chorou e se lamentou com esta lamentação a respeito de Jerusalém, e disse". Em seguida vem o primeiro versículo do texto hebraico. A Vulgata apresenta essa nota introdutória com uma pequena variante; o texto em árabe o reproduz com exatidão, e o Targum (paráfrase) de Jônatas, a substitui com esta linha: "Jeremias, o profeta e sumo sacerdote disse". Essas autoridades são seguidas pelo Talmude e pelos Pais da Igreja, dando a entender que Jeremias era o autor de Lamentações. Por séculos a autoria de Jeremias nunca foi questionada.

Hoje, no entanto, muitos estudiosos renomados rejeitam a autoria de Jeremias. Eles o fazem com base na estrutura, estilo e atitude em relação à destruição de Jerusalém admitida pelo autor. Eles alegam que a forma acróstica bastante precisa, a presença de muitos termos novos e de frases que não são encontradas na profecia de Jeremias, a atitude desnorteada do escritor em relação à destruição de Jerusalém, são discrepantes com o pensamento de Jeremias. Esses estudiosos apresentam um número impressionante de *diferenças* com a profecia, e estão bastante seguros de que esses poemas não vêm da pena de Jeremias.

Por outro lado, estudiosos tão bem qualificados quanto aqueles citados acima defendem com bastante propriedade a visão tradicional. Eles baseiam sua opinião nas *similaridades* que existem entre os dois livros. A idéia de que o castigo tinha vindo sobre Israel por causa do seu pecado persistente e sua dependência de aliados vulneráveis e desleais é comum nos dois livros. A mesma atitude em relação aos falsos profetas e sacerdotes caracteriza os dois volumes. Palavras e frases similares apontam para um autor comum. A angústia e as lágrimas do autor de Lamentações refletem vividamente a personalidade de Jeremias. A descrição detalhada da destruição da cidade fala a favor da autoria de Jeremias. Sabemos que ele esteve presente quando a cidade caiu e permaneceu nela para observar e lamentar a destruição avassaladora. Assim, a afinidade em conteúdo, espírito, tom e linguagem falam a favor da autoria de Jeremias.

A data dos dois livros, pelo que tudo indica, é a mesma. Os eventos finais registrados no livro de Jeremias ocorreram em torno de 580 a.C., e não há nada no livro de Lamentações que demandaria uma data posterior.

D. Estrutura

Dos cinco poemas que compõem o livro, os primeiros quatro são canções tristes ou fúnebres, enquanto o quinto apresenta mais a forma de oração. No hebraico, os quatro primeiros poemas são acrósticos alfabéticos. Os poemas um, dois e quatro apresentam vinte e dois versículos, correspondendo em número e ordem ao alfabeto hebraico. Os versículos nos poemas um e dois apresentam três linhas cada, em que somente a primeira linha segue a forma acróstica. O mesmo ocorre com o poema quatro, com a exceção de apresentar apenas duas linhas em cada versículo. O poema três é singular no sentido de que todas as letras do alfabeto são repetidas três vezes sucessivamente. Por causa disso, os massoretas entendiam que cada linha era um versículo e dividiram o poema em sessenta e seis versículos. O quinto poema também apresenta vinte e dois versículos, sem um arranjo acróstico evidente.

Não se sabe por que o autor escolheu o uso da forma acróstica. Embora seja artístico e apropriado expressar a tristeza de uma nação sofrida, ela limita e obstrui o movimento livre de pensamento. Kuist sugere que essa forma acróstica foi usada como um artifício mnemônico para auxiliar a memória, ou para manter o elemento emocional explosivo sob cuidadoso controle, ou para dar "um sentido de continuidade e completitude às expressões públicas de dor e culpa e esforçando-se para manter viva a esperança que essas elegias promoviam".[3]

É importante salientar, no entanto, que o acróstico era um artifício literário conhecido[4] nos tempos bíblicos e que o autor tinha a liberdade de usá-lo em certos momentos. Nos poemas dois, três e quatro as letras *ayin* e *pe* do alfabeto hebraico estão invertidas, e o versículo 7 do poema um e o versículo 19 do poema dois têm quatro linhas em vez de três.

A estrutura métrica usada aqui é conhecida como ritmo *Qina*. Ela é a estrutura mais comumente usada para entoar canções tristes acerca dos mortos ou acerca de grandes desgraças nos tempos antigos. O uso de paralelismo, repetição, apóstrofe e seu jogo de palavras eram admiravelmente apropriados para comunicar as profundezas insondáveis do sofrimento e tristeza que a alma humana é capaz de experimentar.

E. Propósito e Uso

Esses poemas são canções tristes escritas com a expectativa de que seriam recitadas pela congregação de Israel para expressar seu grande pesar acerca da perda de sua identidade nacional. Eles consideram todos os grandes assuntos da aflição pública. O propósito deles é expressar, de forma terapêutica, as emoções mais profundas de um povo quebrantado e devastado. Os poemas permitem ao povo confessar que Deus o havia tratado com justiça, e, ao fazê-lo, encontrariam forças para suportar o peso indescritível da angústia sem desesperar-se. Eles tinham a intenção de ajudar o povo a aprender uma lição do passado e, ao mesmo tempo, conservar sua fé em Deus mesmo quando confrontados com uma desgraça avassaladora. Abrindo as portas para a oração, esses poemas apontavam o caminho para o arrependimento e fé e, deste modo, estimulavam esperança na misericórdia de Deus.

Pelo uso desses poemas podemos ver que o povo judeu reconhece o seu valor. O livro de Lamentações é incluído nos Cinco Rolos que são lidos em importantes datas no ano judaico. Esse breve livro é lido no nono dia de *Abe* (quase no final de julho), um dia de jejum que é observado na comemoração da destruição do primeiro e segundo Templos. A Igreja Romana usa partes de Lamentações para os últimos três dias da Semana Santa. Algumas passagens do livro também são incluídas em certas liturgias protestantes. Seu uso nas sinagogas e na igreja ao longo dos séculos é um testemunho permanente da sua influência na vida religiosa do mundo e mostra por que a canonicidade de Lamentações nunca foi questionada.

Esboço

I. Canção de uma Cidade em Luto, 1.1-22

A. A Situação da Cidade, 1.1-7
B. A Perversidade da Cidade, 1.8-11
C. O Clamor da Cidade, 1.12-19
D. A Oração da Cidade, 1.20-22

II. Canção de um Povo Quebrantado, 2.1-22

A. O Adversário do Povo, 2.1-10
B. A Agonia do Povo, 2.11-16
C. A Resposta do Povo, 2.17-22

III. Canção de um Profeta Sofredor, 3.1-66

A. Um Grito de Desespero, 3.1-18
B. Uma Confissão de Fé, 3.19-39
C. Um Apelo ao Arrependimento, 3.40-47
D. A Dor da Intercessão, 3.48-54
E. Uma Canção de Confiança, 3.55-66

IV. Canção de Um Reino Devastado, 4.1-22

A. O Poder Degradante do Pecado, 4.1-12
B. O Poder Desmoralizante do Pecado, 4.13-16
C. O Poder Enganador do Pecado, 4.17-20
D. O Poder Destruidor do Pecado, 4.21-22

V. A Oração de uma Nação Penitente, 5.1-22

A. O Apelo Final, 5.1-6
B. A Confissão Completa, 5.7-18
C. A Única Esperança, 5.19-22

SEÇÃO I

CANÇÃO DE UMA CIDADE EM LUTO

Lamentações 1.1-22

A. A SITUAÇÃO DA CIDADE, 1.1-7

Essa canção de profunda tristeza inicia com uma descrição da cidade cativa de Jerusalém personificada por meio de uma mulher que perdeu seu marido e filhos. O infeliz estado da sua viuvez é pranteado. "**Como**!" foi a única maneira apropriada de iniciar essa canção fúnebre. Essa era a forma mais apropriada para expressar tristeza e dor para aquela ocasião. Aqui essa canção prepara o caminho para a revelação da situação trágica da cidade. A solidão da viuvez é ressaltada: **Como se acha solitária aquela cidade** (1). Ela tinha sido **tão populosa** e tão **grande entre as nações**; mas agora ela está vazia, e seus filhos estão no cativeiro. **Os seus amantes** (2; aliados políticos), depois de a humilharem, a desprezaram como um brinquedo sujo e sem valor. Traída e aflita, ela **chora de noite**, sem encontrar **descanso** (3), e **não** há **quem a console**. A expressão **nas suas angústias** também pode ser traduzida como: "no meio das suas dificuldades" (Smith-Goodspeed).

Além de tudo isso ela vive em um estado de viuvez espiritual. A vida religiosa da cidade havia cessado. O Templo havia sido destruído. **Os caminhos** (estradas) para **Sião** estão vazios; não há adoradores que compareçam para sua **reunião solene**; suas **portas estão desoladas**; e os **sacerdotes** gemem (4). Há a **amargura** do remorso, porque o dia da graça passou. Para piorar a situação, seu julgamento vem da mão divina. O **SENHOR a entristeceu** (5). Mas em tudo isso o profeta reconhece a justiça divina; a tristeza de Jerusalém é **por causa da multidão das suas prevaricações. Foi-se toda a sua glória** (6); seus adversários estão no controle; suas famílias estão no exílio. Os **seus príncipes** estão tão destituídos de **força** que parecem corças sem **pasto**; enfraquecidos pela fome eles caminham diante dos seus perseguidores; caem para não mais levantarem.

Nessa condição debilitada e solitária, surgem lembranças assombrosas que só aumentam a tristeza da cidade. Jerusalém se lembra **das suas mais queridas coisas**, que pertenciam a ela nos **tempos antigos** (7). Isso é motivo de clamor e pranto. Mas não há alívio do seu sofrimento, porque os seus **adversários** zombam da sua miséria.

B. A Perversidade da Cidade, 1.8-11

A causa do sofrimento de Jerusalém está no fato de ela ter pecado **gravemente** (8). Seu pecado não foi uma coisa superficial. A palavra **instável** significa "impura" (NVI). **A sua imundícia está nas suas saias** (9), indicando que seu pecado era uma perversidade íntima, i.e., uma disposição interior. Jerusalém era tão impura moralmente quanto uma mulher era impura durante seu período de menstruação. Por isso, o problema básico de Jerusalém era o seu coração perverso (Jr 17.9).

Todos os que a honravam [...] **viram a sua nudez** (8) significa que sua verdadeira natureza havia sido revelada; profanada e impura, ela se afasta envergonhada. Ela **foi pasmosamente abatida** (9), i.e., "ela caiu de modo espantoso" (ARA) porque seguiu as inclinações de um coração perverso. Ela fracassou em considerar as conseqüências de uma vida perversa. Ela **nunca se lembrou do seu fim**; ela viveu somente para o presente. O versículo 10 refere-se, em primeiro lugar, à profanação do Templo. Suas **coisas mais preciosas** eram os "utensílios para as ofertas sacrificais" (Berkeley, nota de rodapé). Mas há uma implicação mais profunda. O inimigo havia entrado **no seu santuário** (10) e tinha tomado **suas coisas mais preciosas**, i.e., roubou a sua pureza; e agora **o seu povo** (11) geme debaixo da gravidade do seu pecado. Ela reconhece que se tornou **desprezível**. A tristeza da viuvez é aumentada pela compreensão da sua impureza. O significado literal do versículo 11 é deixado claro por Smith-Goodspeed: "Eles trocaram tesouros por mantimento para mantê-los vivos".

C. O Clamor da Cidade, 1.12-19

O fardo acumulado da sua condição trágica tornou-se pesado demais para carregar. Judá clama em sua angústia. **Não vos comove isso, a todos vós que passais pelo caminho?** (12). Embora o hebraico seja difícil, a ARC captou o sentido. Dirigindo-se a todos que possam ouvir seu clamor, ela implora por compaixão, insistindo que não há **dor como a minha dor**. Ela confessa que seu castigo vem do **Senhor**, e enumera todas as coisas que sofreu pelas mãos dele. Deus **enviou fogo** (13) aos seus **ossos**. **O qual se assenhoreou deles** provavelmente significa: "o qual os subjugou" (Berkeley). **Uma rede** foi armada para os seus **pés**; suas **prevaricações** foram **entretecidas** em um **jugo** intolerável ao redor do seu **pescoço** (14). Seus **valentes** (15), bem como os seus **jovens**, foram jogados no **lagar** da ira de Deus. A contemplação das suas muitas angústias traz um novo irromper de lágrimas: **Por essas coisas** [...] **os meus olhos se desfazem em águas** (16). Mas não há **consolador** para amenizar sua dor, e o **inimigo** prevaleceu contra ela.

Mesmo que ela esteja sufocada com lágrimas a ponto de não poder falar, ela parece ouvir uma voz a dizer que embora **Sião** (17) estenda **as suas mãos** em súplica compade-

cida, Deus **mandou** que ela fosse afligida. Depois de recompor-se, Sião reconhece que Deus agiu de maneira justa com ela. Ela confessa que se rebelou **contra os seus mandamentos** (18). Não há ressentimento em suas palavras, e nenhuma inclinação para defender-se. Ela então reconhece: **Meus amadores** (nações aliadas e deuses a quem Judá se havia voltado) [...] **me enganaram**. Por causa disso, seus filhos estão no **cativeiro**; seus **sacerdotes e** [...] **anciãos expiraram**. A tristeza da sua condição a esmaga enquanto faz um apelo final: **Ouvi, pois, todos os povos e vede a minha dor** (18-19).

D. A ORAÇÃO DA CIDADE, 1.20-22

Traída, quebrantada e castigada, Sião agora eleva sua voz em oração: **Olha, SENHOR, quanto estou angustiada** [...] **porque gravemente me rebelei** (20); **não tenho quem me console** (21). Nesse ensaio da sua situação desagradável estão todos os elementos de um coração arrependido: tristeza profunda, confissão, humilhação e fé. O povo de Judá se volta para o Senhor porque está convencido de que somente Ele pode ajudar. Não há esforço para desculpar seus pecados, e ele aceita seu castigo como sendo justo. No entanto, Judá expressa a certeza de que de alguma forma Deus o vindicará diante dos seus inimigos: **mas, em trazendo tu o dia que apregoaste,** eles (os inimigos) **serão como eu** (21). Aqui está a convicção de que em um universo moralmente ordenado nenhum transgressor ficará impune. **Venha toda a sua iniqüidade à tua presença** (22) é um reconhecimento de que todo o mal será castigado. Seus inimigos também experimentarão o castigo pelo seu pecado. Um Deus soberano fará com que todas as coisas aconteçam da forma correta.

SEÇÃO II

CANÇÃO DE UM POVO QUEBRANTADO

Lamentações 2.1-22

Esse poema continua o tema geral do capítulo 1, uma lamentação pela cidade de Jerusalém. No entanto, esse capítulo parece ampliar seu escopo para incluir o povo de Israel em geral e Judá em particular. Como poema acróstico ele é quase idêntico em estilo ao capítulo 1, com a exceção de que a décima sexta e a décima sétima letra do alfabeto hebraico estão invertidas. Apesar disso, não há uma interrupção do pensamento. Esse fenômeno ocorre novamente nos capítulos 3 e 4. O capítulo 2 continua a suposição teológica de que o castigo do povo é resultado direto da sua desobediência a Deus, e que seu castigo é plenamente merecido.

A. O ADVERSÁRIO DO POVO, 2.1-10

A terrível realidade da aflição de Sião é revelada. O relato detalhado indica que o autor foi testemunha ocular da catástrofe que ele descreve. A coisa surpreendente acerca do poema é que o Senhor é visto como o Antagonista ou Adversário de Judá. O autor descreve o que significa ter Deus como seu Inimigo. Isso ilustra a declaração do Novo Testamento: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). Isso é ainda mais espantoso quando esse aspecto é comparado com o amor contínuo de Deus pelo seu povo. Mas a admissão de que o nosso castigo vem da mão de Deus pode ser muito salutar quanto ao seu efeito. Ele pode marcar o início do arrependimento.

A ira do Senhor é uma coisa muito real e impressionante. No **dia da sua ira** (1) ocorreram inúmeros incidentes incomuns no meio do seu povo. **Nuvens** indicam uma calamidade de proporções gigantescas. Deus **derribou** [...] **a glória de Israel** (o Templo), e **não se lembrou do escabelo de seus pés** (propiciatório). Ele **derribou** [...] **as fortalezas** [...] **de Judá** e desonrou **o reino e os seus príncipes** (2). Ele **cortou** [...] **a**

força de Israel (3) ao retirar **sua destra** para defendê-los. Ao mesmo tempo destruiu o que era **formoso à vista** (o Templo) e **devorou todos os seus palácios** (5). Ele multiplicou o pranto e a lamentação da **filha de Judá**.

As ações de Deus são vistas como um indicação da sua justiça. Ele não aprova o pecado em nenhum lugar; Ele **arrancou a sua cabana** (barraca) **com violência**, e acabou com o escárnio que ocorria nas festas fixas e nos sábados em Judá (6). A expressão: **como se fosse a de uma horta** parece uma figura do poder de Deus e da insegurança humana; Deus destruiu o Templo de pedra como se fosse uma barraca temporária de um jardineiro feita de galhos e folhas. Mesmo **o rei e o sacerdote** experimentaram a vara da ira divina. Ele **rejeitou** o **seu altar** (7) e **detestou o seu santuário**, indicando que é necessário mais do que um ritual exterior para impedir o julgamento de um Deus santo. O grito do inimigo foi ouvido no lugar santo **como em um dia de reunião solene**. O rosto de Deus estava voltado contra **Sião,** de tal forma que fez planos para destruí-la e demarcou seus propósitos com um **cordel** (8). **Antemuro** e **muro** significavam toda a defesa da cidade. Conseqüentemente, as **portas** da cidade caíram por terra (9), **seus ferrolhos** (defesas) estão quebrados, **o seu rei e os seus príncipes** estão no exílio, **os seus profetas** estão sem **visão**, e a sua **lei** é suspensa. **Os anciãos** (10) se vestem com **panos de saco**, e **lançam pó sobre a sua cabeça**, e **as virgens** abaixam **a sua cabeça** envergonhadas.

B. A AGONIA DO POVO, 2.11-16

Enquanto o profeta apresenta a destruição física da cidade e da nação, a maré da emoção tem se elevado em sua alma. Quando se volta para contemplar a condição dos indivíduos envolvidos, não consegue refrear sua tristeza. Ele irrompe em um lamento pessoal em relação àquilo que acabou de ver com seus próprios **olhos** (11). Essas palavras refletem o espírito compassivo do profeta (Jr 9.1; 14.17). Ele clama em voz alta em seu imenso sofrimento: **Meus olhos** [...] **minha alma** [...] **meu coração**. A ACF traz: "Meus olhos [...] minhas entranhas [...] meu fígado". Todas essas são expressões orientais de extrema angústia. Ele então relata o que seus olhos viram em relação ao sofrimento do seu povo. Com a cidade sendo destruída à sua volta, o compassivo profeta vê **meninos** e **crianças de peito** desfalecendo de fome e doença. Pode-se ouvir seu clamor comovente, suplicando por comida às **suas mães** (12); e momentos depois derramam **sua alma**, i.e., expiram nos braços de suas mães.

No meio da sua aflição, o poeta tenta pensar em alguma catástrofe semelhante com a qual possa comparar a situação atual do povo. Ele esperava trazer consolo à nação sofredora (13), mas, infelizmente, não encontra nada que sirva de comparação com essa grande tristeza. Ela é incomensurável como **o mar**.

Jeremias então coloca seu dedo na verdadeira causa do problema; a catástrofe tem uma base moral. Essa ruína esmagadora tem sua origem nas visões e oráculos enganosos dos falsos **profetas** (14). Eles não foram fiéis em expor a **maldade** do povo: "Seus profetas viram para ti vaidade e falsidade" (14, lit.). Sua falta de sinceridade em proclamar a verdade de Deus resultou em **expulsão** e exílio. Jeremias chegou à raiz do problema; a "morte" de uma nação ou de uma igreja sempre começa pelos seus líderes. Os **profetas** (cf. Jr 14.14-16; 23.9-40) são responsabilizados por toda a situação trágica, embora o povo não seja desculpado por sua disposição em se deixar desviar.

O poeta agora retrata o escárnio incontido que o povo de Judá e Jerusalém atura de todos os **que passam** (15). Mesmo os viajantes que não guardam nenhum ódio de Jerusalém expressam surpresa e desprezo pela cidade outrora orgulhosa. Eles **meneiam a cabeça** e **batem palmas**, dizendo: **É esta a cidade que denominavam perfeita em formosura?** Os **inimigos** dos judeus, por outro lado, não mostram nenhum tipo de constrangimento. Eles **assobiam e rangem os dentes** em um prazer cruel, gritando: **Certamente este é o dia que esperávamos** (16).

C. A Resposta do Povo, 2.17-22

Em busca de uma solução, o profeta começa a exortar o povo. Ele leva o povo a lembrar que existe um governo moral operando no universo. **Desde os dias da antiguidade** (17) o Senhor havia feito uma aliança com seu povo no Sinai. Naquele tempo Ele deu os mandamentos para o bem-estar da nação. Esses mandamentos continham tanto bênçãos quanto maldições. Ao longo dos séculos, Deus tem cumprido **a sua palavra** em todos os detalhes. Seu castigo agora era devido à falha deles em guardar seus mandamentos. Ele não poupou ou teve pena do povo, para que Israel soubesse que as leis de Deus operam inexoravelmente na vida dos homens.

Mas visto que Deus é santo, Ele pune o pecado com grande severidade, mas também perdoa a todo aquele que se arrepende com um coração quebrantado e contrito. O Deus que aflige também cura. O profeta insiste em que a resposta para a situação deles é encontrada na oração sincera e determinada. Nos versículos 18-19, ele apresenta o tipo de oração que eles devem fazer em seus corações e com seus lábios. Na KJV não fica claro quem está se dirigindo a quem. Mais provável é que Jeremias esteja se dirigindo ao povo de Jerusalém. Num estilo oriental, que parece estranho à mente ocidental, o profeta se dirige ao **muro** destruído de Jerusalém como se ele representasse a cidade e seus habitantes. Eles são conclamados a clamar **de dia e de noite** (18) em súplica a Deus, para derramar **lágrimas como um ribeiro**, não se permitindo **descanso** algum. Sua exortação é reforçada no versículo 19, em que os constrange a orar a **noite** toda e levantar as **mãos** em sua direção. Os judeus dividem a noite em três **vigílias**. A implicação é que o Deus que ouviu o clamor dos filhos de Israel no Egito (Êx 3.7) e ao longo da sua história, vai ouvi-los agora.

No versículo 20, o povo começa a suplicar ao Senhor. Eles oram: **Vê, ó Senhor, e considera a quem fizeste assim!** Então segue uma oração de lamentação na qual eles enumeram todas as coisas trágicas que ocorreram: **Hão de as mulheres comer** [...] **as crianças que trazem nos braços? Ou matar-se-á no santuário do Senhor o sacerdote? Jazem** [...] **pelas ruas o moço e o velho** (21).

É uma triste narrativa de angústia e dor. Há, no entanto, nessa narrativa um pedido inferido (prontamente entendido pela mente primitiva) para que haja misericórdia e livramento. Eles acreditavam que Deus não podia ficar indiferente com a enumeração de todas essas afrontas contra os instintos naturais (20b), a santidade religiosa (20c) e a vida humana (21-22). E a fé deles em Deus estava correta. Ele nunca é indiferente com aqueles que são verdadeiramente penitentes. Dessa forma, o capítulo termina com uma velada expressão de esperança.

Seção III

CANÇÃO DE UM PROFETA SOFREDOR

Lamentações 3.1-66

Esse poema se encaixaria perfeitamente no capítulo 20 da profecia de Jeremias, ou, melhor ainda, se seguisse o episódio da cisterna do capítulo 38. Esse capítulo tem, na verdade, a mesma extensão dos capítulos 1 e 2, mas a construção é diferente. Nesse capítulo, os versículos têm somente um terço do tamanho dos versículos dos outros dois capítulos, mas há três vezes mais versículos. Em vez de somente a primeira linha de cada estrofe começar com uma letra subseqüente do alfabeto hebraico, como nos capítulos 1 e 2, todas as três linhas de cada estrofe começam com a mesma letra. Assim, as linhas 1, 2 e 3 começam com *Álefe*, e as linhas 4, 5 e 6 começam com a letra *Bete*, etc. Diferentemente dos dois primeiros capítulos, cada linha é considerada um versículo, dessa forma, totalizando 66 versículos em vez dos habituais 22.

O poema é escrito do ponto de vista de um indivíduo, e todos os versículos estão na primeira pessoa do singular ("eu", "a mim", "meu"), exceto os versículos 40-47. Esse uso da primeira pessoa não impede o poema de ser usado como um lamento público, visto que o autor se identifica com a comunidade em sua aflição. A dificuldade deles é a dificuldade do profeta, e a tristeza deles é a sua tristeza. "Ele está organicamente associado com eles e procura levá-los a uma mesma apreensão religiosa da aflição deles, para que possam compartilhar a sua fé".[1]

A. Um Grito de Desespero, 3.1-18

O poeta identifica-se como um indivíduo que experimentou em sua própria vida todo o sofrimento que a nação tinha experimentado: **Eu sou o homem que viu a aflição** (1). Evidentemente ele se julga um exemplo simbólico da nação. Como seu representante

diante de Deus, ele tem levado as tristezas e o sofrimento deles. Ele tem sentido a **vara** do **furor** divino repetidas vezes. Em sua dor, lamenta que Deus transformou sua **luz** em **trevas** (2), semelhantemente às trevas dos **que estavam mortos** (6; no Sheol). Deus se voltou contra ele e o castiga **de contínuo** (3). A doença tem enfraquecido o seu corpo a ponto de estar prematuramente velho (4). **Fel e trabalho** (5; amargura e pesar) fazem parte da sua vida. Não há deleite na vida, e ele precisa lutar para sobreviver.

Circunvalou-me (7), i.e., Deus o colocou dentro de uma cerca e ele perdeu sua liberdade. Ele reclama por precisar carregar os pesados **grilhões** de um prisioneiro. Embora clame na sua angústia, não há resposta para o seu **grito**: **ele exclui a minha oração** (8). **Pedras lavradas** (firmemente fixadas) bloqueiam o seu caminho e o fazem andar por **veredas** tortuosas (9). Em qualquer direção que procura ir, encontra dificuldades. Suas frustrações são quase insuportáveis. Como se isso já não fosse o suficiente, Deus assiduamente se volta contra ele. Como o **urso** ou o **leão** (10), Deus o espera em uma emboscada. Ele o persegue implacavelmente com **seu arco** e **flecha** (12), a ponto dos seus **rins** ("coração", NVI) estarem cheios de **flechas** da vingança de Deus (13).

Fui feito um objeto de escárnio (14), i.e., seu próprio **povo** zombava dele nas suas canções **todo o dia**. Ele não encontra descanso para mente ou corpo; seu coração **fartou-se de amargura**, e ele está embriagado pelo **absinto** (15; cf. Jr 23.25).[2] Deus **quebrou** seus **dentes** com **pedrinhas** (16), i.e., deu a ele pedras em vez de pão. **Cobriu-me de cinza** significa que ele não passou por alguma dificuldade momentânea, mas, sim, pelas profundezas da desgraça e humilhação. A **paz** (17) foi tirada do profeta há muito tempo, e ele "esqueceu-se do que é ser feliz" (RSV).

Jeremias está nas profundezas do desespero. Ele clama: **Já pereceu a minha força, como também a minha esperança** (18). Bloqueado em cada movimento, quebrantado física e emocionalmente, dilacerado com inúmeras aflições, e sofrendo as dores dos condenados, a força se foi e a esperança o abandonou. Mas o limite do homem é a oportunidade de Deus. É precisamente nesse ponto que sua fé encontra uma base sólida.

B. UMA CONFISSÃO DE FÉ, 3.19-39

O profeta externou sua queixa diante do Senhor. Sua força se foi, seu coração está quebrado. Ele está exausto e desamparado. Toda tensão e conflito saíram dele. Ele consegue desligar-se dos problemas. Humilde e quieto, ele espera diante de Deus. Na quietude vem a mudança. Ele começa a orar suavemente: "**Lembra-te da minha aflição** [...] **Minha alma** [...] **se abate** (se curva) **dentro de mim** (19-20). Discernimento e compreensão começam a tomar conta dele: **Disso me recordarei** (21) — ele começa a lembrar muitas coisas que havia esquecido durante sua aflição. Deus não despreza alguém com um coração quebrantado e contrito (Sl 51.17)!

Certamente aqui está "Uma Mensagem de Fé e Esperança".

1) As **misericórdias** de Deus nunca cessarão; **suas misericórdias não têm fim** (22). Mesmo quando falhamos, Ele permanece fiel! Além do mais, suas misericórdias se renovam a **cada manhã** (23). A continuidade da misericórdia de Deus é uma prova da sua fidelidade,[3] por isso o profeta clama: **Grande é a tua fidelidade**[4]. Esses pensamentos provocam uma resposta sincera, e o profeta continua: **A minha porção é o SENHOR**

(i.e., a soma total dos meus desejos); **portanto, esperarei nele** (24). Enquanto o profeta confessa sua fé em Deus, outras coisas tomam conta da sua mente.

2) O caminho de Deus é o melhor caminho. *a*) Ele é favorável **para a alma** (25) que busca a sua orientação. *b*) Paciência e **esperança** (26) abrem os canais da **salvação**. *c*) Disciplina na **mocidade** (27) tornam a idade adulta segura e bem-sucedida.

3) Bem-aventurado é o homem que suporta a tentação. *a*) Esse homem entregou-se completamente a Deus. *b*) Ele "pôs a **boca no pó**", em humilhação (29). *c*) Ele entregou os seus direitos e, semelhantemente a Jesus, ofereceu a sua **face** (30) aos que o queriam ferir (Is 50.6; Mt 5.39); e quando foi afrontado e injuriado, ele não injuriou (1 Co 4.12; 1 Pe 2.23).

4) O sofrimento tem um propósito moral. *a*) Deus testa seu povo, mas sua rejeição não é permanente. Ele **não** o **rejeitará para sempre** (31). *b*) Embora permita que venha o sofrimento, Ele ama demais a humanidade para abandoná-la ou permitir que seja provada além das suas forças (32). *c*) Ele não tem prazer nas aflições dos homens (33), mas permite que essas aflições ocorram para que algo melhor possa acontecer ao sofredor.

5) Podemos estar plenamente certos de que Deus vê e desaprova todo mal. *a*) Ele é contra todo abuso e injustiça feita contra os desamparados (34). *b*) Qualquer perversão da justiça, quer por motivos religiosos ou políticos, contará com seu desagrado e castigo (35-36).

6) Lamentar sem razão das aflições é errado. Nada é feito sem a permissão de Deus. Ele permite que exista tanto o **bem** como o **mal** (38) nesse mundo. Como agente livre, o homem não precisa escolher o **mal** com sua punição resultante (39). Portanto, ele não deveria queixar-se acerca dos sofrimentos resultantes do seu pecado, mas deveria queixar-se dos seus **pecados**, que causam seu sofrimento.

C. UM APELO AO ARREPENDIMENTO, 3.40-47

Visto que a transgressão e rebelião da parte do povo redundaram em sofrimento e castigo, o profeta faz um apelo para que esquadrinhem (examinem) e provem seus **caminhos** (40; conduta). Ele insiste em que o mínimo que poderiam fazer seria analisar a situação deles de maneira honesta. Em vez de culpar a Deus pelo sofrimento, deveriam averiguar o significado e propósito da dificuldade que veio sobre eles. O objetivo de tudo isso deveria servir para ajustar as contas entre eles e Deus, i.e., para voltarem-se novamente **para o SENHOR**. No hebraico, voltar ou "retornar" (*shub*) significa "arrepender-se".

Visto que a oração é a maneira mais apropriada de aproximar-se de Deus, Jeremias os admoesta a iniciar seu exame com um pedido sincero. Eles deveriam levantar o **coração juntamente com as mãos para Deus** (41). A ênfase no coração indica que a verdadeira submissão deve ser acompanhada de atos exteriores de súplica, para que a oração seja genuína. No passado, eles haviam orado, mas seus corações não acompanharam suas **mãos** nesse exercício.

Nos versículos 42-47, o profeta fala as palavras que o povo precisa dizer. Aqui encontramos uma lamentação acerca do que a rebelião contra Deus acarretou para o povo.

Deve haver confissão de pecado: **Nós prevaricamos e fomos rebeldes** (42), e sua confissão deve ser acompanhada pela lamentação (pranto, pesar genuíno).

Nesses versículos vemos "Os Resultados de Rejeitar a Deus".

1) A rebelião corta as misericórdias de Deus; **tu não perdoaste** (42). De acordo com a sua natureza, Deus não podia perdoar até que ocorresse um arrependimento genuíno.

2) A rebelião produz um castigo imediato e implacável: **Mataste, não perdoaste** (43). O pecado é um terrível bumerangue.

3) A rebelião separa de Deus; uma nuvem fica entre o homem e Deus por causa da transgressão, de tal forma que a **nossa oração** não chega a Deus (44). Somente quando o povo se afasta da rebelião é que Deus poderá ouvir a oração (Sl 66.18).

4) A rebelião traz humilhação e pesar: "Tu nos tornaste escória e refugo entre as nações" (45, NVI).

5) A rebelião traz terror e confusão: **Temor e cova vieram sobre nós** (46-47). "O caminho dos transgressores é difícil" e o profeta roga para o povo produzir "frutos dignos de arrependimento" (Mt 3.8).

Os versículos 40-47 tratam do seguinte tema: "O que Fazer quando Vem a Condenação". 1) Admitir que estamos debaixo da condenação de Deus (42-47); 2) Examinar nossa vida de maneira honesta (40*a*); 3) Voltar-nos ao Senhor (40*b*); 4) Ser completamente sinceros em nossa oração (41) — A. F. Harper.

D. A Dor da Intercessão, 3.48-54

Quando o profeta considera o que o pecado e a rebelião fizeram com seu povo, ele irrompe em uma oração de intercessão: **Torrentes de água derramaram os meus olhos, por causa** (em favor) [...] **do meu povo** (48). O tempo passa, mas ele não para de orar. Ele está determinado a continuar sua intercessão **até que o Senhor atente e veja desde os céus** (50). Embora sua intercessão drene suas forças físicas, ele continua orando: **"O meu olho** (seu choro é o labutar da alma) lida severamente com a minha vida" (51, lit.). Em agonia de alma Jeremias enfrenta a morte física. Nesse momento, sua mente parece voltar-se à sua experiência na cisterna antes da queda de Jerusalém (Jr 38.6-13). O versículo 52 parece dizer que ele enfrentou a morte de uma forma semelhante naquela oportunidade. Sem motivo, seus **inimigos** o haviam caçado. Eles planejavam arrancar (53) a sua **vida**, ao lançá-lo **na cova**, e a cobriram com uma pedra. Ele afundou-se na lama, e as **águas** da morte (falando figurativamente) **correram sobre** sua **cabeça**. Em desespero ele gritou: **Estou cortado** (54), *i.e.*, "a morte chegou". Essas palavras certamente foram escritas no estilo de Jeremias, cuja vida foi um martírio prolongado. Elas foram colocadas aqui para que a oração do profeta possa se tornar uma oração de intercessão nos lábios do povo.

A passagem mostra "A Verdadeira Oração de Intercessão". 1) Quando intercedemos por uma pessoa é como se o pecado e a culpa dela fossem nossos. 2) A intercessão envolve um sentido de desespero (48-51) semelhante à da rainha Ester: "Perecendo, pereço" (Et 4.16). 3) Não pode haver intercessão sem sofrimento e humilhação. 4) A intercessão pode, na verdade, significar a morte do intercessor — pelo menos ele deve estar disposto a dar sua vida (Êx 32.32).

E. UMA CANÇÃO DE CONFIANÇA, 3.55-66

Quando o profeta olha para trás e lembra da sua experiência da cisterna e a compara com o momento presente, sua fé começa a crescer. Ele logo irrompe em uma canção de confiança e esperança: **Invoquei o teu nome, SENHOR** [...] **Ouviste a minha voz** (55-56). Ele continua a cantar: **Tu te aproximaste** e **disseste: Não temas** (57). Ele agora traz todos os seus problemas, passados e presentes, diante do Senhor e clama: **Pleiteaste** [...] **remiste a minha vida** (58). **Viste** (59-60). **Ouviste** (61). **Tu** [...] **darás a recompensa** (64). O hebraico da última parte do versículo 56 não é claro. Pode significar o seguinte: "Não feches os teus ouvidos aos meus suspiros e gritos" (Berkeley). **Eu sou a sua canção** (63) significa: "Eu sou o tema das suas canções de escárnio" (Berkeley).

Essa passagem expressa a confiança do poeta de que Deus vindicará seu povo, e, no tempo oportuno, sua justiça prevalecerá. Por isso, ele se regozija pela presença do Governante moral no universo que julgará a causa do pobre e necessitado. Ele olha adiante para o dia em que o povo de Deus será vingado dos seus inimigos: **Perseguirás, e eles serão desfeitos debaixo dos céus do SENHOR** (66). Naquele dia, o direito prevalecerá sobre todo o mundo, e "a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar" (Is 11.9).

O tom refletido nos versículos 64-66 tem sido chamado de elemento "imprecatório" no Antigo Testamento. Esse aspecto é, às vezes, difícil de entender. As maldições que são invocadas sobre os inimigos parecem anticristãs e muito abaixo do padrão apregoado por Jesus em Mateus 5.43-48. No entanto, não podemos nos esquecer que é difícil distinguir entre as formas hebraicas: "Que isso aconteça" e "Isso acontecerá". Podemos estar certos de que pelo menos algumas das maldições são simples predições do que acontecerá como resultado da rebelião contra Deus (cf. CBB, Vol. III, "O Livro de Salmos", Int.).

SEÇÃO IV

CANÇÃO DE UM REINO DEVASTADO

Lamentações 4.1-22

Esse poema é uma canção de contrastes. Ele compara a glória antiga do reino de Judá, representada por Jerusalém, com sua infeliz condição atual. Jeremias foi uma testemunha ocular do terrível desastre em 587-586 a.C., quando Jerusalém caiu diante dos babilônios. Podemos sentir o palpitar de tristeza que preponderou durante o cerco e a subseqüente demolição da cidade. O poema é um acróstico alfabético como nos capítulos 1 e 2, com a exceção de que as estrofes aqui têm duas linhas em vez de três. O pecado de Judá é o tema predominante do capítulo. Essa idéia não está completamente ausente nos capítulos anteriores, mas nesse capítulo 4 ela aparece como o motivo principal para o colapso do reino. A extensão do pecado de Judá é tratada nos versículos 1-12, e as conseqüências do seu pecado são o tema dos versículos 13-22. Assim, os motivos morais do destino de Judá ocupam a mente do poeta.

A. O PODER DEGRADANTE DO PECADO, 4.1-12

A gravidade do pecado de Judá e Jerusalém tem sua raiz na rebeldia do coração. A descrição aqui revela até que ponto uma nação pode chegar quando seus fundamentos morais são removidos. O gemido do profeta, ao lamentar acerca da glória passada de Judá e a condição devastadora na qual se encontra agora, é suficiente para quebrar o coração. "Como os poderosos caíram!".

O poeta entoa uma canção triste acerca da incrível mudança que sobreveio a essa outrora orgulhosa nação e sua capital: **Como se escureceu o ouro!** (1). Escurecida e deslustrada, a cidade dourada não passa de um monte de cinzas. Ele lamenta a completa destruição do Templo: **Como estão espalhadas as pedras do santuário ao canto de**

todas as ruas; i.e., espalhadas por toda a cidade. Os jovens da nação, a esperança da sua vida futura, estão estirados pelas ruas da cidade. Em vida eles eram comparados **a ouro** (2); agora eles não passam de um amontoado de barro, semelhante a **vasos de barro** quebrados no monte de refugo **do oleiro!**

As mães de Judá, perturbadas pelo sofrimento, tratam seus bebês pior do que o fazem os animais selvagens. Apesar do fato de os **chacais** (3) serem animais de rapina violentos, eles não se esquecem dos seus filhotes. Enquanto as **avestruzes** são conhecidas por serem negligentes e cruéis com seus filhotes (Jó 39.13-17), as mães de Judá são ainda piores; elas se tornaram cruéis (desumanas). Com a morte do seu instinto materno, elas deixam seus bebês morrerem por falta de alimento. Os **meninos** clamam por **pão** (4), mas ninguém lhes dá atenção. Mulheres que se vestiam **em carmesim** (púrpura) e comiam **iguarias delicadas** agora perambulam sem destino pelas **ruas**. Elas chegaram a um ponto degradante: **abraçam esterco** (5) em busca de comida.

Jerusalém teve um destino ainda mais triste do que **Sodoma**. Sodoma **se subverteu** [...] **em um momento** (6) pela mão de Deus, mas o castigo de Jerusalém tornou-se quase insuportável. A referência a Sodoma ressalta a dimensão da culpa de Jerusalém. Ela era a cidade que tinha o Templo, a lei e os profetas. Visto que teve tanta luz e privilégio, ela mereceu um castigo mais severo do que Sodoma. Deve ter sido difícil para um poeta judeu escrever o versículo 6. Esse versículo retrata de uma forma inesquecível a compreensão de Jeremias do poder degradante do pecado.

"Seus príncipes" — em vez de **nazireus** (7) — outrora belos em aparência, bem nutridos e populares no meio do povo, estão agora em uma condição deplorável. Seus rostos estão "mais escuros do que a escuridão" (8, lit.); seus nomes estão esquecidos; o povo não os reconhece, porque não passam de esqueletos ambulantes, mirrados e sem vida **como um pedaço de pau**.

A condição de Judá e Jerusalém é tão deplorável que os **mortos à espada** (9) são **mais ditosos** do que os vivos. O cerco à cidade havia privado os viventes das necessidades mais básicas da vida. Algumas **mulheres piedosas** (10), impelidas pela fome, **cozeram seus próprios filhos**, para servirem de alimento. Ninguém imaginaria que Jerusalém pudesse chegar a esse ponto! Mesmo **os reis da terra** (12) estão estupefatos com o destino dessa nação e dessa cidade. O pecado, depois de consumado, gera a morte (Tg 1.15).

Nos versículos 1-12, vemos "Os Efeitos Degradantes do Pecado". 1) A beleza da vida desaparece (1). 2) Os recursos da mocidade são perdidos (2). 3) A dignidade da mulher se torna pior do que a dos animais do campo (4-5, 10). 4) Os efeitos do pecado são mais amplos onde a luz foi mais brilhante (6); 5) Até os líderes se tornam confusos e quebrados (7); 6) O castigo final é pavorosamente radical (11-12).

B. O PODER DESMORALIZANTE DO PECADO, 4.13-16

A responsabilidade pela ruína de Judá é atribuída diretamente aos líderes religiosos da nação.

> Foi por causa do pecado dos seus profetas e das maldades dos seus sacerdotes (13, RSV).

É na vida desses homens que vemos o poder desmoralizante do pecado. Eles poderiam ter evitado a destruição do país. Em vez disso:

1) Seu ensinamento e seu exemplo mutilaram a vida moral da nação. *a*) Eles não eram aptos para discernir entre a voz de Deus e a voz dos seus próprios corações. *b*) Eles profetizaram falsamente, dizendo: "Paz, paz, quando não há paz" (Jr 6.14). *c*) Eles sucumbiram à pressão dos tempos e pregavam o que o povo queria ouvir; eles não expuseram os pecados do povo, para que pudessem ser sarados (2.14). *d*) Eles estavam com medo de defender o que era certo; eles colocaram a popularidade acima da justiça. *e*) Eles chegaram a crer na mentira como se fosse verdade, e na verdade como se fosse mentira. Jeremias já havia "trovejado", em oportunidades anteriores, contra esses falsos líderes do povo (Jr 5.31; 6.13; 23.11-16), mas eles frustraram todos os seus esforços para levar o povo ao arrependimento genuíno.

2) Eles eram culpados de assassinato, talvez não diretamente, mas indiretamente. Debaixo da aparência externa da religião, **derramaram o sangue dos justos no meio** da nação (13). O conselho e a influência deles resultaram na morte dos justos (veja Jr 26.20-24).

3) Chegou o dia em que o mundo deles ruiu sobre suas cabeças. Quando a cidade de Jerusalém foi destruída, eles ficaram desnorteados. Eles **erram** (perambulam ou tateiam) **como cegos nas ruas** (14). Sua confusão era resultado da cegueira dos seus corações. Eles não estavam preparados para as emergências da vida.

4) O pecado deles se revelou. Suas máscaras foram tiradas quando suas predições provaram ser falsas. O povo então reconheceu quem eles realmente eram; impostores desprezíveis e miseráveis. O castigo deles era ser tratado como leprosos morais. Os homens gritavam para eles: **Desviai-vos** [...] **Imundo! Desviai-vos** [...] **não toqueis** (15).

5) Eles foram expulsos da sua terra pelo seu próprio povo. A maldição de Caim estava sobre eles. Eles andam errantes **entre as nações** (15), mas nem lá são desejados.

6) Eles sofreram a vingança divina. **A ira do SENHOR** os havia espalhado (16). Apesar do fato de serem **sacerdotes e velhos** (anciãos), nenhum favor foi concedido a eles, tanto por Deus como pelos homens. Como Governante moral do universo, Deus assumiu a responsabilidade de garantir que esses falsos líderes fossem punidos.

C. O PODER ENGANADOR DO PECADO, 4.17-20

Essa seção é um reconhecimento de que a nação tinha colocado sua confiança no lugar errado. O poeta faz a confissão pelo povo. Jeremias olha para o passado — para a época do cerco da cidade (17-18), a queda da cidade (18), a fuga do rei e dos seus nobres (19), e a captura de Zedequias (20).

O profeta declara que 1) a nação foi enganada em colocar sua confiança em aliados estrangeiros. **Os nossos olhos desfaleciam, esperando vão socorro** (17). Jeremias e outros profetas haviam advertido Judá para não colocar sua confiança em homens, mas a nação tinha rejeitado a palavra do Senhor e continuou a confiar no Egito. Faraó havia feito uma tentativa, em certa ocasião, de livrar Jerusalém (Jr 37), mas todo o episódio foi um completo e lamentável fracasso. O salmista também tinha clamado: "Vão é o socorro do homem" (Sl 60.11), mas é impressionante o que atrai as pessoas quando elas estão em descompasso com Deus.

2) A nação tinha sido iludida ao acreditar que poderia resistir à Babilônia. Embora Jeremias tivesse proclamado repetidas vezes que Deus havia entregado o Oriente Médio nas mãos de Nabucodonosor (Jr 25), o povo de Judá não acreditou. Eles continuaram a rebelar-se até que a cidade caiu. **Estão cumpridos os nossos dias, porque é vindo o nosso fim** (18).

3) Eles foram ludibriados ao pensar que poderiam escapar se fugissem. **Sobre os montes nos perseguiram** (19). Isso evidentemente se refere à fuga de Zedequias e seus príncipes (Jr 39.4-7). Quando o povo começa a desobedecer a Deus, continua pensando que o próximo passo será o passo certo. Mas esse nunca é o caso.

4) A nação estava iludida ao pensar que as promessas de Deus à casa de Davi eram incondicionais. Eles interpretaram mal o caráter de Deus e seus métodos de operação. Agora lamentam: **O respiro das nossas narinas, o ungido do SENHOR, foi preso nas suas covas** (20). A referência aqui é à captura de Zedequias pelos babilônios na "floresta" do Jordão, e o fim da monarquia davídica. Os versículos revelam a lealdade do povo de Judá à casa real, mas também revelam que a confiança no homem como fonte de sabedoria e força máxima está equivocadamente fora de lugar.

D. O PODER DESTRUIDOR DO PECADO, 4.21-22

Temos aqui um exemplo de como o pecado do orgulho pode destruir uma nação. Edom (veja mapa 1), embora descendente de Abraão e parente de Judá, sempre foi arrogante e altivo em relação a Israel. Seu orgulho alcançou proporções grandiosas na sua reação à queda de Jerusalém em 587-586 a.C. Ele tinha colaborado com o inimigo, traído seus vizinhos e retido sua ajuda aos necessitados. Aproveitando-se do infortúnio do seu parente, chegou a tomar uma parte do território de Judá (Ez 35.10-12). Agora Edom se alegra de maneira perversa com o castigo de Judá e com o seu próprio livramento dos horrores da guerra. Mas no auge da sua exultação ouve-se uma voz, anunciando sua condenação.

O início do versículo 21 é repleto de ironia: **Regozija-te e alegra-te, ó filha de Edom** — i.e., divirta-se agora — **o cálice chegará também para ti**. A referência é ao cálice do furor de Deus como profetizado por Jeremias (25.15-28). **Embebedar-te-ás**: Edom experimentará todas as coisas que acompanham a embriaguez: vergonha, confusão, tristeza e destruição.

No versículo 22, o poeta confessa abertamente que Judá e Jerusalém foram castigados severamente pelas mãos do Senhor. Mas Judá sofreu seu castigo, e esse tempo acabou. **O castigo da tua maldade está consumado**. Dias melhores estão por vir para Judá. **Ele nunca mais te levará para o cativeiro**. A implicação é que Judá tem um futuro, mas Edom não. Quando chegar o dia do castigo de Edom, Ele **descobrirá** (revelará) **os** seus **pecados**. Edom cairá e nunca mais se levantará (Ob 18).

SEÇÃO V

A ORAÇÃO DE UMA NAÇÃO PENITENTE

Lamentações 5.1-22

Nesse poema de encerramento não há um acróstico alfabético. No entanto, temos 22 versículos, indicativos de que esses cinco poemas fazem parte de um todo. Esse capítulo se assemelha mais a uma oração do que a uma canção de lamento. Embora grande parte do texto seja um recital das misérias que o povo tem passado, eles são enumerados para clamar pela compaixão de Deus e para receber sua ajuda. Elas são usadas como uma confissão (recitadas pela congregação) para levar o povo a humilhar-se e confessar seus pecados e lançar-se nos braços misericordiosos de Deus. O poeta clama ao Senhor para olhar com misericórdia para a condição miserável deles. Ele reconhece que suas aflições são resultado do pecado (7). Há muito pesar e tristeza por causa dessas coisas, e pela condição desoladora de Sião. A única esperança deles surge do fato de que, diferentemente dos tronos da terra, o trono de Deus é eterno, e Ele é plenamente confiável na sua forma de agir com os homens.

A. O APELO FINAL, 5.1-6

Lembra-te, Senhor (1). Há mais nesse **lembra-te** do que possa aparentar superficialmente. Essa expressão faz parte de uma linguagem de oração. Há nela um sentido de grande urgência. É uma linguagem que respira esperança e fé. Ela implica em que, se a atenção e a consideração de Deus podem ser obtidas, a ajuda logo estará a caminho.

Nesse apelo fervoroso, Jeremias chama a atenção de Deus para o sofrimento e **opróbrio** que seu povo escolhido tem passado. **Estranhos** e **forasteiros** (2) têm ocupado a **herdade** (terra) e as **casas** que Deus lhes tinha dado. O povo de Deus estava desamparado como **órfãos** e **viúvas** (3) que não tinham pais ou maridos para defendê-los. As coisas

mais necessárias da vida precisam ser compradas dos seus captores: **nossa água por dinheiro** [...] **por preço vem a nossa lenha** (4). Acaso precisavam pagar pela água das suas próprias cisternas? Se esse é um quadro de Judá após a queda de Jerusalém, é possível que esse seja o caso. O jugo de servidão era especialmente doloroso: **Os nossos perseguidores estão sobre os nossos pescoços** (5). Eles eram forçados a trabalhar constantemente para os seus inimigos, e não tinham tempo para descansar. A humilhação de ter de estender **as mãos** (submeter-se) aos **egípcios** e **aos assírios** para não morrer de fome, era quase mais do que podiam suportar. A menção dos egípcios e assírios simboliza os inimigos do leste e do oeste; i.e., eles estavam cercados de inimigos por todos os lados.

Judá faz seu apelo final com um forte clamor e com lágrimas. Parece não haver ressentimento contra Deus pelo castigo sofrido, somente penitência e vergonha. O apelo é feito com a convicção de que, embora Deus tenha castigado, Ele também perdoará. Visto que obtiveram sua atenção, e Ele viu a aflição deles, seus sofrimentos não durarão para sempre. Deus também não permitirá que os opressores escapem ilesos, sem julgamento.

B. A CONFISSÃO COMPLETA, 5.7-18

O poeta confessa que há uma razão moral para o estado em que se encontra a nação: **Nossos pais pecaram** [...] **nós levamos as suas maldades** (7). Ele reconhece que havia uma solidariedade na nação judaica da qual nenhuma geração podia escapar. Os filhos sofriam pelos pecados dos pais. Eles eram escravizados pelos seus antigos **servos** (8). Eles obtinham seu **pão** com o **perigo de** suas **vidas** (9), por causa dos ladrões do deserto, os beduínos selvagens, que eram semelhantes a uma **espada do deserto**. A **pele** deles estava enegrecida como **um forno** (10); i.e., quente por causa da febre decorrente da fome. Suas **mulheres** foram violentadas (11), seus **príncipes** e **velhos** (12), desonrados. Os jovens foram obrigados **a moer** nos moinhos (13), i.e., a fazer o trabalho das mulheres, e mesmo "os meninos cambaleiam sob o fardo de lenha" (NVI). Todo **gozo** (15) de viver havia desaparecido; só restava a **lamentação**. Prosperidade e honra desapareceram. **Caiu a coroa da nossa cabeça** (16); i.e., a soberania nacional e a condição de estado já não existiam mais para os judeus. A nação já não existe.

O clímax dessa passagem é alcançado quando o próprio poeta confessa no lugar da sua geração: **ai de nós, porque pecamos** (16). Finalmente, toda a verdade é confessada! Jeremias não mais permitirá que Judá coloque toda a culpa na geração passada (**nossos pais**, 7), embora fosse culpada. Sempre é um bom sinal quando os homens param de confessar os pecados dos outros e começam a reconhecer sua própria culpa. E ele completa a confissão. Por causa do pecado, "toda a cabeça está enferma", e todo **o nosso coração** desmaiou (17; Is 1.5). Por causa do pecado, **se escureceram os nossos olhos** de tanto chorar. Por causa do pecado, **Sião** está assolada e em ruínas.

C. A ÚNICA ESPERANÇA, 5.19-22

Com a sua confissão completa, a esperança começa a ressurgir no coração do povo. Não mais preocupados consigo mesmos, pensamentos da grandeza de Deus começam a

dominar suas mentes. Eles exultam: **Tu, SENHOR, permaneces eternamente** (19). Diferentemente dos deuses dos pagãos, o Senhor é o Eterno — o Deus Vivo. Todos os outros poderes e reinos podem desintegrar-se e cair, mas **teu trono** (seu governo moral sobre a humanidade) continua por todas as gerações. Tudo o mais pode desaparecer, mas Deus permanece! Nele encontramos refúgio para a alma! Nele nosso coração pode descansar em segurança! Nele existe uma base ampla para a esperança! "Visto que seu trono permanece eternamente no céu, Ele não deixará seu reino sucumbir na terra".[1] Portanto, para a psicologia hebraica, não parece ilógico o povo fazer um pedido por meio de uma pergunta: **Por que nos desampararias por tanto tempo?** (20). Debaixo da superfície, a pergunta está repleta de esperança, porque está baseada na concepção hebraica do caráter de Deus.

Os versículos 21-22 devem ser entendidos como uma unidade. Ela é expressa de maneira estranha para a mente moderna, mas no hebraico o significado pode ser discernido quando lido à luz do versículo 19. Visto que Deus é o eterno Governante moral do universo, seu povo pode ter esperança. É isso que ocorre nos últimos dois versículos do livro — *o povo se lança, sem reservas, nos braços misericordiosos de Deus*. Eles estão plenamente conscientes de que a submissão e a entrega são a única saída para sua difícil situação: "Converte-nos para ti, Senhor, para que sejamos convertidos [...] a não ser que já nos tenhas rejeitado inteiramente e estejas excessivamente irado contra nós" (21-22, lit.). O versículo 22 é de difícil interpretação, mas é quase certamente uma admissão de que Judá merece ser **totalmente** rejeitado. Contudo, o povo está cheio de esperança.

Dessa forma, o livro termina com a nota de uma fé despreocupada — uma fé que se lança plenamente nos braços misericordiosos de um Deus eterno.

Notas

INTRODUÇÃO

[1] *Apion*, I, p. 8.

[2] C. W. E. Naegelsbach, "Lamentations", *Lange's Commentary on Holy Scripture*. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, [reedição], s.d.), p. 1.

[3] H. T. Kuist, "Lamentations", *Layman's Bible Commentaries* (Londres: SCM Press, Ltd., 1961), p. 141.

[4] Veja Salmos 25; 34; 35; 111; 112; 119; 145; e Provérbios 31.10-31.

SEÇÃO III

[1] A. S. Herbert, "Lamentations", *Peake's Commentary on the Bible* (Londres: Thomas Nelson and Sons, Ltd., 1962). p. 566.

[2] O **absinto** era uma substância amarga, geralmente associada com fel. Smith-Goodspeed interpretam esse texto da seguinte forma: "Ele me saciou com angústia".

[3] W. F. Adeney, "Lamentations of Jeremiah", *Pulpit Commentary* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1950 [reedição]), p. 39.

[4] Os versículos 22-23 serviram de inspiração para o conhecido hino de Thomas Chisholm, "Tu És Fiel Senhor".

SEÇÃO V

[1] Carl F. Keil and Franz Delitzsch, "Lamentations of Jeremiah", *Commentaries on the Old Testament*, II (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956, [reedição]), p. 455.

Bibliografia

ADENEY, W. F. "Lamentations of Jeremiah". *Pulpit Commentary*, Vol. XI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reedição).

ANDERSON, G. W. *A Critical Introduction to the Old Testament*. Londres: Gerald Duckworth & Co., 1960.

CLARKE, Adam. "The Lamentations of Jeremiah". *Commentary and Critical Notes*, Vol. IV. Nova York: Abingdon-Cokesbury, s.d.

HERBERT, A. S. "Lamentations". *Peake's Commentary on the Bible*. Ed. Matthew Black e H. H. Rowley. Londres: Thomas Nelson and Sons, Ltd., 1962.

KEIL, Carl F. e DELITZSCH, Franz. "Lamentations of Jeremiah", Vol. II. *Commentaries on the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956 (reedição).

KUIST, H. T. "Lamentations". *The Layman's Bible Commentaries*. Londres: SCM Press, Ltd., 1960.

MEEK, T. J. "Lamentations". *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, *et al.*, Vol VI. Nova York: Abingdon Press, 1956.

NAEGELSBACH, C. W. E. "Jeremiah and Lamentations". *Lange's Commentary on Holy Scripture*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House (reedição).

PEAKE, A. S. "Jeremiah and Lamentations", Vol. II. *The Century Bible*. Edimburgo: T. C. e E. C. Jack, Ltd., 1911.

PRICE, Ross E. "Lamentations". *Wycliffe Bible Commentary*. Ed. Charles Pfeiffer e E. F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

STEPHENS-HODGE, L. E. H. "Lamentations". *New Bible Commentary*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.

THOMPSON, J. G. S. S. "Lamentations". *The Biblical Expositor*. Ed. por Carl F. H. Henry. Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960.

Comentário Bíblico Beacon

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0688-X
9 788526 306882

4

Isaías a Daniel

Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim